

# NOSSOS MESTRES

Fotos: Marcelo Ferreira/CB/D.A Press

## Era uma vez... Uma contadora de histórias



**Professora na rede pública de ensino, Adriana Maciel conta a trajetória até encontrar a chave para encantar crianças e adultos, levando-os ao universo da fantasia**

» MARIANA NIEDERAUER

“**B**om dia pra quem é de bom dia! Boa tarde pra quem é de boa tarde! Boa noite pra quem é de boa noite!” É assim que a professora Adriana Maciel, 49 anos, se acostumou a receber os alunos durante a pandemia. Ela não sabia a que horas cada um assistiria aos vídeos de contação de histórias que deixava gravados semanalmente, e percebeu que a melhor maneira era englobar a todos logo nas boas-vindas, sem distinção.

A frase de impacto virou marca registrada da educadora, e quem ouve de longe já sabe que vem coisa boa em seguida. “Era uma vez... E não era uma vez...”, segue

a contadora de histórias, dando um nó na cabeça dos pequenos e os convidando a abrir as portas da imaginação. O magistério, a literatura e a arte se misturam na vida de Adriana, e para alcançar um nobre objetivo: levar as crianças ao mundo dos sonhos.

Essa é a potência que ela descreve enxergar nos livros. E a habilidade de resgatar a prática tradicional ela trouxe de casa. Filha de um pernambucano contador de histórias e de uma cearense artesã, a brasiliense vivenciou desde cedo essas duas faces da arte. O pai, Egídio Barbosa Maciel, que morreu aos 45 anos, era exímio contador de anedotas. “Ninguém conseguia conversar com ele, porque só ele falava”, brinca. A influência foi tamanha que ela

acabou, indiretamente, tornando o talento do pai uma profissão, e conta que nunca teve dificuldades em falar em público. “Eu aprendi com ele. Foi o meu primeiro contador de histórias”, diz.

Da mãe, Raimunda Alves de Oliveira, 85 anos, herdou a inquietação causada pela produção artística. A matriarca fazia bonecas de pano, uma das chaves para a entrada no “universo da fantasia”, conforme descreve a professora. “Quem pintava as bonecas, fazendo o olho e a boquinha, era eu. Enquanto pintava, eu conversava com as bonecas”, relembra. “Dela veio, por exemplo, gostar de contar histórias brincando com lenços, tecidos e bonecos.”

“Eu cresci num lar onde a arte reinava. A arte do artesanato, do

boneco; e a arte da palavra. Acho que juntei os dois”, reflete Adriana, que tem sete irmãos – cinco deles do primeiro casamento do pai.

A carreira no magistério teve a largada em 1998, quando foi aprovada no vestibular para o curso da Universidade de Brasília (UnB) e também no concurso da Secretaria de Educação do DF – já havia concluído a Escola Normal. “Consegui me formar na UnB, em ensino especial. Levei seis anos, e exerci por um tempo função na área, mas não me realizei lá”, conta Adriana. “Sempre tive uma pegada muito artística.”

Assim que entrou para a secretaria, optou por trabalhar na Regional de Ensino de Brazlândia. Como não havia sala de aula disponível para que lecionasse, ficou responsável